

3

Parafasia: o quiproquó das palavras

Ana Lucia Tubero

Os Boticarios tem hum livro, a que chamão com termos Latinos, Quid pro quo. Quando não tem hũa droga, achão nelle outra, para porem em seu lugar. Daqui veyo o dizer-se, Livrenos Deos de hum Quid pro quod; porque às vezes ha erro nas drogas, & em lugar de mezinha, dão os Botica-rios veneno.

Dicionário Bluteau (1720) ¹

Erro, desvio, incorreção, engano, equívoco, troca. A parafasia tem sido definida nos campos da Afasiologia e da Neuropsicologia como erro semântico, como substituição de uma palavra (denominada *palavra-alvo*) por outra palavra semântica ou fonologicamente relacionada.

1. Quiproquó: 1. Livro que existia nas farmácias para indicar as substâncias que deveriam substituir as receitadas pelo médico, caso a farmácia não as possuísse. 2. Engano, erro que consiste em tomar-se uma coisa por outra; equívoco. Do latim – *Quid pro quo* – “uma coisa pela outra”. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2004). A citação de Bluteau consta na Etimologia desse verbete.

A parafasia é geralmente apresentada como um sintoma característico da semiologia das afasias ditas fluentes (afasia de Wernicke, afasia de condução, afasia anômica, afasia transcortical sensorial). Para Goodglass e Kaplan em seu clássico livro de 1973, *The assessment of aphasia and related disorders*, “a parafasia se refere à produção de sílabas, palavras ou frases não intencionais durante o esforço efetuado para falar”, ou seja, o falante afásico tem a intenção de enunciar determinada palavra, mas produz outra no lugar, à sua revelia.

Nem sempre o falante afásico percebe que produziu uma parafasia, assim como nem sempre o falante não afásico percebe que produziu um lapso linguístico. Sim, porque para Freud (1891), como veremos adiante neste capítulo, a parafasia dos afásicos não é diferente das trocas de palavras ou dos lapsos linguísticos observados em pessoas ditas saudáveis – sem lesão cerebral – em situações de fadiga, desatenção ou de estresse emocional. A título de ilustração, tomemos dois exemplos:

1. Uma senhora afásica ao relatar uma queda que resultou em fratura de fêmur e em hospitalização: “Depois eu fui para o *hotel...* fiquei DUAS semanas no hospital”.
2. Uma noiva no altar, aflita diante da exigência do padre para que ela usasse o nome de batismo do noivo durante a cerimônia – e não seu apelido, como era desejo dela – enuncia, para risada geral dos presentes à igreja: “Eu te recebo (apelido do noivo) como minha *mulher...*”. Só após a cerimônia é que a noiva tomou conhecimento do motivo das risadas.

Quando o falante – afásico ou não – percebe ter dito algo que não pretendia, ele pode tentar retomar sua fala, efetuando operações epilinguísticas e metaenunciativas² ao produzir comentários ou críticas sobre sua própria produção, procedendo a reparos e reformulações. Vejamos mais alguns exemplos em diferentes contextos:

2. Morato (2005) define as *operações epilinguísticas* como “aquelas por meio das quais os sujeitos operam sobre seus enunciados, reformulando-os, ajustando-os segundo os propósitos conversacionais”, e as operações *metaenunciativas* como “aquelas em que a própria enunciação ou outros enunciados são tomados como objeto de menção”.

3. Uma senhora afásica – BC – conta à fonoaudióloga AT sobre o almoço de domingo – BC: “Meu *marido* foi... almoçar... em casa”. AT: “Seu marido?” (com estranhamento, pois sabe que ela e o marido moram na mesma casa). BC: “Por quê? O que eu falei? *Marido*... não... *irmão*... FILHO”.
4. Uma afásica ao ver a fonoaudióloga entrar em sua casa carregando um aparelho de som portátil, enuncia: “Ah... você veio de *vestido*! Ai... que bobagem! Não é... espera... (com gesto da mão indicando ‘parar’)... *livro*... não é também... por que eu falo essas coisas?... esse aí (apontando o aparelho de som)... *música*”.
5. Uma fonoaudióloga – AT – propõe uma atividade a seu paciente afásico – PL – que é médico. Eles conversam sobre filmes antigos e o paciente refere-se a um filme chamado *Amar foi minha ruína*. AT: “Vamos então fazer uma *sinapse* deste filme?”. PL: “Amar foi minha ruína...”. AT: “O senhor viu o que eu falei? Sinapse” (ri). PL: (ri). AT: “Então uma sinopse... um resumo... uma sinopse do filme para melhorar as sinapses do cérebro” (ri). Neste trecho é a fonoaudióloga, e não o afásico, quem produz a parafasia/lapso: *sinapse* por sinopse.

O objetivo deste capítulo é, pois, discutir a natureza da parafasia. Em um primeiro momento, a parafasia será apresentada como entidade semiológica em uma perspectiva histórica da Afasiologia e da Neuropsicologia, revendo alguns estudos e discussões sobre o tema e tendo como ponto de partida os primeiros artigos do professor Lordat publicados em 1843, nos quais a parafasia é tomada como distúrbio de memória. Vários e distintos autores empreenderam diferentes perspectivas de estudo e de entendimento sobre as parafasias: Paul Broca, Carl Wernicke, Sigmund Freud, John Hughlings Jackson, Henry Head, Kurt Goldstein, Aleksandr Luria.

No campo da Linguística, embora a parafasia permita problematizar questões léxico-semânticas e fonológicas, são poucos os estudos que se dedicam à sua discussão, mas os trabalhos de Roman Jakobson se destacam.

Muitos estudos tomam a parafasia como uma porta de acesso aos mecanismos de evocação e de processamento lexical (Shelton e Caramazza, 1999; Cuetos-Vega, Aguado e Caramazza, 2000; Cuetos-Vega, 2001; Marshall, et al., 2001; Moses, Nickels e Sheard, 2004a; Moses, Nickels e Sheard, 2004b; Miceli, Capasso e Caramazza, 2004; Gordon, 2007), permitindo pensar em algumas hipóteses sobre como o léxico se organiza ou sobre a relação entre o acesso lexical e as vias de transmissão da informação entre os níveis semântico e fonológico, na tentativa de propor uma arquitetura funcional para o sistema lexical (Caramazza e Hillis, 1990; Shapiro e Caramazza, 2001).

Neste capítulo, no entanto, a parafasia será discutida de modo a problematizar a questão da referência – tema clássico da Filosofia da linguagem, da Lógica e da Linguística – que tem sido tratada historicamente como um problema de representação do mundo, da ordem da correspondência entre as palavras e as coisas, numa visão referencialista da língua e da linguagem. Nesta perspectiva, a língua é código que contém imanente um sistema semântico, é um conjunto de etiquetas que se ajustam às coisas do mundo real. Daí se apreende a noção de *palavra-alvo*, referente determinado *a priori*, produto do processamento de uma mente isolada e individual que assegura a existência de uma quase coincidência entre as palavras e as coisas. A metodologia de investigação das afasias, geralmente baseada em provas e testes – nomeação por confrontação visual, decisão lexical, repetição, descrição de figura –, impõe o acerto (a palavra-alvo) e o erro (a parafasia): a parafasia é tomada sempre como um resultado negativo da produção do afásico em relação à palavra-alvo.

A parafasia será, ao final do capítulo, discutida em uma abordagem sociocognitiva na qual as atividades linguísticas são, principalmente, atividades de *construção* da significação e do conhecimento no curso de interações sociais e, não, atividades de *processamento* isoladas e individuais. A perspectiva sociocognitiva implica, portanto e também, uma guinada na cena teórica das investigações sobre a linguagem e a cognição e, portanto, sobre as afasias e a parafasia: não mais a visão representacional de linguagem dos testes, não mais a relação biunívoca entre linguagem e

mundo das baterias de provas das afasias, mas a linguagem e a cognição – e a significação – nas atividades dos interlocutores em situações sociocomunicativas.

De Paramnésias e Parafasias

1. Lordat (1843)

Lordat, médico francês nascido em 1773, vivenciou aos 52 anos sua própria afasia. Ele denomina de *alalia* o “mutismo” ou a “impossibilidade de falar apesar de um senso íntimo sadio, de um entendimento normal e de órgãos vocais e verbais perfeitos” (Lordat, 1969[1843]). Assim descreve Lordat sua experiência pessoal com a afasia:

Eu percebi que, ao querer falar, não mais encontrava as expressões de que eu precisava... O pensamento estava pronto, mas os sons que deveriam convertê-lo em fala não estavam mais disponíveis... Eu me encontrava privado do valor de quase todas as palavras... Eu não mais me lembrava de como coordenar as palavras para que exprimissem um pensamento³ (Lordat, 1969, p.140).

Lordat descreve seus sintomas denominando-os de *alalia incompleta* na qual “a amnésia que me impedia de falar me tornara incapaz de compreender prontamente os sons que eu ouvia”. Contrariando a tese de Condillac na qual os signos verbais são indispensáveis para o pensamento, Lordat assume que o pensamento poderia ocorrer independentemente dos signos verbais, uma vez que ele próprio vivenciava um domínio pleno da parte interna do *logos*, mas a perda da parte externa: “Eu sentia

3. “Je m’aperçu qu’en voulant parler je ne trouvais pas les expressions dont j’avais besoin... La pensée était toute prête, mais les sons qui devaient la confier à la intermédiaire n’étaient plus à ma disposition... Je me trouvai privé de la valeur de presque tous les mots... Je ne me souvenais plus des manières dont il fallait les coordonner [les mots] pour qu’ils exprimassent une pensée.” [Todas as traduções, do francês e do inglês, são nossas.]

que conhecia todas as ideias, ainda que minha memória não me sugerisse nenhuma palavra”⁴ (Lordat, 1969[1843], p. 142).

Em seu artigo, Lordat discute um tipo de alalia decorrente de amnésia – *amnésia verbal* –, doença na qual a memória dos sons verbais e seu uso oral são afetados, enquanto as outras funções intelectuais estão preservadas.⁵ Ele introduz o termo *paramnésia*, que descreve como o uso vicioso de sons conhecidos e lembrados: “Assim, quando eu tinha a intenção de pedir um livro, eu pronunciava a palavra *lenço*”. Lordat relata que, imediatamente após produzir tal palavra, ele se dava conta da incorreção e sentia que uma outra palavra era necessária. Outros doentes, no entanto, não tinham a mesma sorte: não percebiam que a palavra enunciada não era a *verdadeira*. Lordat relata, ainda, a partir de sua própria vivência, outro modo de paramnésia que consistia em “inverter as letras das sílabas de uma palavra: por raisin, *sairin*; por Musulman, *Sumulman*” (Lordat, 1969[1843], p. 146).

A paramnésia verbal de Lordat – distúrbio decorrente de alterações da memória das palavras, com preservação da memória das coisas – corresponde ao que se convencionou chamar de parafasia.

2. Paul Broca (1861)

Broca empreende vários estudos para estabelecer correlações anatomo-clínicas entre função e lesão cerebral e, em 1861, partidário da teoria do localizacionismo das funções cerebrais, propõe como *locus* da faculdade de linguagem articulada a terceira circunvolução frontal esquerda do cérebro: a lesão desta área circunscrita do cérebro levaria à patologia por ele nomeada de *afemia* ou *perda da palavra*. Broca descreve a afemia como a alteração da capacidade de articular as palavras, com a pre-

4. “Je sentais que j’en connaissais toutes les idées, quoique ma mémoire ne m’en suggérait pas un mot.”

5. A amnésia verbal de Lordat – esquecimento das palavras e esquecimento do sentido das palavras – nada mais é do que a *anomia*, item semiológico discutido neste mesmo volume, no Capítulo 2.

servação da faculdade geral da linguagem: “os doentes ouvem e compreendem tudo o que lhes é dito, eles mantêm sua inteligência, produzem sons vocais com facilidade, executam movimentos da língua e dos lábios, conhecem o sentido e o valor das palavras tanto na forma auditiva quanto na forma escrita e, no entanto, não conseguem articular as palavras”.

Para Broca não seria a memória das palavras que estaria alterada, mas sim, outra espécie de memória que permitiria aos indivíduos lembrar-se de cada um dos movimentos que é preciso coordenar para articular uma palavra.

Em seu artigo publicado no *Bulletin de la Société d'Anthropologie* em 1861 (1969, p. 65), Broca compara a condição dos doentes com afemia à criança em aquisição de linguagem:

a criança compreende a linguagem, aponta com os dedos os objetos que lhe são nomeados, adquire ideias simples que, inicialmente, não consegue exprimir por balbúcio de apenas uma sílaba e, pouco a pouco e após esforços extremos, articula sílabas novas. Esta criança, no entanto, ainda se engana com frequência e diz, por exemplo, *papa* em vez de *mama*, como gostaria, porque não se lembra da posição de sua língua e de seus lábios para articular a palavra *mama*.

Para Broca, a parafasia seria a perda não da memória das palavras, mas mais especificamente dessa memória específica dos movimentos e de sua coordenação para a linguagem articulada.

3. Carl Wernicke (1874)

Wernicke escreveu três trabalhos sobre as afasias: em 1874, em 1885 e em 1906. O fulcro de sua teoria de linguagem consiste na existência de um número limitado de funções localizáveis em centros e na importância das fibras de conexão desses centros com outras áreas do córtex cerebral. Para Wernicke, o cérebro é o órgão da consciência e suas várias partes são inter-relacionadas e coativadas pelas conexões das fibras de associação.

Neste sentido, Wernicke não é considerado localizacionista: sua teoria da linguagem o situa entre os conexionistas (Keyser, 1994, p. 67).

O modelo de linguagem de Wernicke baseia-se em três níveis. Os dois inferiores correspondem ao substrato da linguagem verbal e da fala que Wernicke denominou de “*word-concept faculty of the brain*”⁶. O nível superior do modelo proposto por Wernicke determina o conteúdo da palavra falada. Wernicke descreve o funcionamento da linguagem em termos de “caminhos” (*pathway*) que conectam, mediante fibras de associação, áreas cerebrais como a de “imagem tátil” ou a de “memória visual”. Esses “caminhos” garantem, de certa forma, as escolhas corretas que o indivíduo faz ao selecionar uma imagem motora ou uma determinada palavra.

Nas afasias descritas por Wernicke, a severidade dos sintomas depende do grau e da extensão do processo patológico envolvendo o *primeiro lobo temporal* (Wernicke, 1994[1874], p. 78). Lesões corticais na região do primeiro giro temporal, por exemplo, resultariam no apagamento dos nomes de todos os objetos da memória (Wernicke, 1994[1874], p. 77). Lesões nas vias de conexão (fascículo arqueado) entre a área motora frontal de Broca e a área temporal sensorial (1ª circunvolução temporal de Wernicke) levariam à sintomatologia que Wernicke chamou de *word-confusion* (1874) – a habilidade de nomeação está preservada, o paciente é fluente, mas apresenta um distúrbio na seleção das palavras do qual nem sempre é consciente – ou *word-transposition* ou *paraphasia* (1885) – a associação entre a imagem acústica da palavra e o objeto concreto está preservada, mas a associação entre o conceito do objeto e a imagem motora da palavra está alterada. A ativação incompleta da *palavra-conceito* se reflete na transposição de palavras, ou seja, na parafasia.

Wernicke (1994[1874], p. 81) – assim como Freud, posteriormente – afirma que a parafasia também pode ocorrer na fala dita “normal”: “when a word suddenly cannot be found in the midst of conversation, on then tries to substitute another and must finally be satisfied with a

6. O termo *palavra-conceito* de Wernicke indica a capacidade do cérebro de produzir a linguagem oral formal (Keyser, 1994, p. 65).

word which may be only partly adequate”. [Quando um falante não consegue evocar determinada palavra no meio de uma conversação, tenta substituí-la por outra e acaba por ter que se contentar com uma palavra que pode ser apenas parcialmente adequada.]

4. Sigmund Freud (1891)

A parafasia é tema de Freud em um de seus primeiros escritos teóricos – *A Interpretação das Afasias* – de 1891. Freud, médico – e psicanalista em progresso – centrou seu estudo na patologia do funcionamento da linguagem e da língua, embora também tenha se interessado pelo seu funcionamento normal. Aliás, os dois aspectos da linguagem – normal e patológico – estão sempre em relação dialética na clínica e na teorização de Freud (Vilela, 2006).

Em sua obra de 1891, Freud dialoga com dois outros estudiosos das afasias: o linguista alemão Berthold Delbrück e o médico alemão Adolf Kussmaul.⁷

Delbrück era um linguista preocupado com os efeitos do psiquismo sobre a linguagem, o que justifica ser citado por Freud em seu trabalho, mas esse foi também um dos motivos pelos quais ficou à margem do ambiente acadêmico dominante na época (Vilela, 2006, p. 128). Escreveu em 1886 a obra *Amnestische Aphasie* em que discute a parafasia (sem, contudo, mencionar o termo *parafasia*):

É claro que aquilo que se apresenta como confusão de sons pode também ser provocado por outros processos. Qualquer um pode dizer, por exemplo, “Vutter” no lugar de “Vater” porque neste momento o falante tem na cabeça “Mutter”. Visto de fora, bem entendido, isto parece uma confusão de sons; porém, o que realmente ocorre é um cruzamento de ideias no espírito daquele que fala (Delbrück, 1886 apud Vilela, 2006, p. 134).

7. A reflexão sobre Freud, Delbrück e Kussmaul baseia-se no interessante artigo de Izabel Vilela publicado em 2006 na *Langage & Inconscient Revue Internationale* – “In Principio Erat Verbum” –, no qual a autora discute a presença inegável da Linguística nas origens da Psicanálise.

Freud retoma em sua obra os exemplos de Delbrück e define a parafasia com base nas ideias do linguista:

Por parafasia devemos entender uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exata... Trata-se de parafasia quando o falante põe, uma no lugar da outra, palavras semelhantes quanto ao sentido ou continuamente ligadas entre si por uma associação corrente, como quando, por exemplo, emprega *pena* em vez de *lápiz*, *Postdam* em lugar de *Berlim*, ou então quando troca palavras que têm um som semelhante como *Butter* e *Mutter*, *Campher* e *Pamphlet*, enfim quando comete erros na articulação (parafasia literal), pelos quais umas letras são substituídas por outras (Freud, 1977[1891], p. 35)

Freud, assim como Delbrück, trata a parafasia como uma perturbação de linguagem relacionada tanto ao sentido (troca de palavras semelhantes quanto ao sentido, para Freud e *cruzamento de ideias*, para Delbrück) quanto aos sons (troca de palavras com sons semelhantes, erros na articulação, substituição de letras, parafasia literal, para Freud e *confusão de sons*, para Delbrück).

Contudo, Delbrück, mais do que Freud, enfatiza como causa da parafasia a questão do sentido (ou seja, as alterações semânticas e não as fonológicas)⁸ e propõe a ideia de um agrupamento conceitual das palavras: para o linguista, a maioria dos erros parafásicos provém do fato de que as palavras pertencem a categorias conceituais. Diz Delbrück, a propósito:

Desta maneira não é extraordinário que alguém possa dizer “Potsdam” no lugar de “Berlim”, mas dificilmente alguém dirá “mesa” no lugar de “Berlim”. Sim, existe um erro aparente. A questão é saber se o chamaremos de

8. Segundo Delbrück (apud Vilela, 2006, p. 136), “nós aprendemos não os sons, mas as palavras, com nossos músculos desenvolvendo os meios de produzir nossa língua materna automaticamente e sem recorrer aos sons de forma isolada. Então é possível que um paciente confunda alguns sons, como em ‘Lieber’ e ‘Lieder’, por exemplo, mas não por uma confusão entre a ideia de ‘b’ com a ideia de ‘d’ (uma vez que não aprendemos os sons), mas porque uma consoante posterior é substituída por uma anterior”.

“erro” porque nós não conhecemos as associações intermediárias⁹ (*Amnes-tiche Aphasie*, apud Vilela, 2006, p. 135).

Para entender a parafasia – ou o cruzamento das ideias – é preciso entender como as palavras se organizam conceitualmente. Delbrück as classifica em palavras *externas* – os objetos do mundo, como, em seu exemplo, *tesoura* – e em palavras *internas* – acontecimentos puramente internos, fatos, disposições do espírito, como em seu exemplo *serve para cortar*. Os afásicos perderiam inicialmente as palavras *externas* e depois as *internas*. Eles vão “perder” a palavra *tesoura* desde os primeiros estágios da afasia enquanto ainda conseguem enunciar, por exemplo, “eu não sei” ou “você corta com isso” ou “serve para cortar”. Segundo Delbrück, isso ocorre porque os verbos – cortar, por exemplo – são mais internos e abstratos que os nomes e guardam mais relações com outros objetos – faca, machado – do que o objeto “tesoura” em si.

Mas Delbrück não faz apenas uma classificação das palavras ao propor seu agrupamento conceitual. Ele amplia a noção de sentido ao lançar a ideia de lugares associativos entre as palavras, de sentidos escondidos nas palavras (Vilela, 2006, p. 135) que a parafasia apenas revela.

O médico alemão Adolf Kussmaul é citado frequentemente por Freud ao longo de sua obra de 1891, e um dos casos clínicos discutidos por Freud é dele tomado. Kussmaul publicou uma série de trabalhos sobre vários aspectos clínicos e, em 1877, escreveu um livro sobre afasia – *Disturbances of Speech: an attempt in the pathology of speech*. Nessa obra Kussmaul analisa diversas questões relativas às relações da linguagem com o cérebro. Ele atribui à linguagem um vasto e complexo “aparelho” formado de vias nervosas e de centros ganglionais que pode ser considerado como o precursor do conceito freudiano de “aparelho da linguagem”.

Para Freud, a parafasia é um sintoma funcional que denota a funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem. Quando uma

9. “Ainsi n’est-il pas extraordinaire que quelqu’un puisse dire ‘Potsdam’ au lieu de ‘Berlin’ [deux villes voisines], mais il arriverait difficilement à quelqu’un de dire ‘table’ au lieu de ‘Berlin’. Oui, il y a une erreur apparente. La question est de savoir si nous la taxons d’erreur parce que nous ne connaissons pas les liaisons intermédiaires.”

afásica produz *pai* por marido ela põe em evidência a instabilidade associativa do aparelho da linguagem. Da mesma maneira, as parafasias produzidas quando “duas intenções verbais são fundidas” formando uma não palavra ou quando “um substantivo bem determinado é substituído por um outro possivelmente indeterminado” – *máquina, coisa* – também são exemplos da perturbação do aparelho da linguagem (Freud, 1977[1891], p. 36). Ao discutir a afasia sensorial, Freud retoma Wernicke – que caracteriza a perturbação de linguagem que ocorre nesse tipo de afasia como “manutenção do vocabulário com parafasia” – e reformula sua proposição: “Parece-me mais exato definir a afasia sensorial como um ‘empobrecimento das palavras com abundantes impulsos de linguagem’” (Freud, 1977, p. 37).¹⁰

5. John Hughlings Jackson (1864)

Jackson é considerado o pai da neurologia britânica. Em 1878 foi cofundador e editor do jornal *Brain*. Em 1864 Jackson publicou seus primeiros artigos sobre *perda da fala e distúrbios da expressão* (Schulte, 1994, p. 139). Em oposição aos seus contemporâneos, sobretudo Broca, Jackson criticava a localização da faculdade de fala em uma área específica do cérebro: “to locate the damage which destroys speech and to locate speech are two different things” [localizar a lesão que destrói a fala e localizar a fala são duas coisas distintas] (apud Schulte, 1994, p. 139).

Para Jackson, falar é proposicionar, ou seja, estabelecer uma relação entre as palavras criando um novo sentido diferente do sentido de cada uma das palavras tomada isoladamente. Falar é, portanto, uma atividade simbólica, e Jackson interpreta a perda da fala como a perda de símbolos (Jackson, 1994[1879], p. 151).

Jackson divide os distúrbios da linguagem (*affection of language*) em três níveis: (1) distúrbio da fala (*defect of speech*); (2) perda da fala (*loss of*

10. Os *abundantes impulsos de linguagem* de Freud correspondem ao *jargão* que historicamente foi definido como uma série de sons da fala sem significado, depois como uma combinação de erros verbais (lexicais) e literais (fonológicos) e como a forma pura dos distúrbios parafásicos, quer seja, a jargonafasia (Kussmaul, 1876; Mirallie, 1896; Niessl von Mayendorff, 1911; apud Brown, 1981, p. 1).

speech); (3) perda da linguagem (*loss of language*). No nível da *perda da fala* o paciente praticamente não fala e a pantomima está alterada, ao passo que no nível da perda da linguagem o paciente perde tanto a fala quanto a pantomima. É o nível 1 – *distúrbio da fala* – que interessa à presente discussão: o paciente mantém integralmente o vocabulário, mas comete erros nas palavras, produzindo *laranja* por cebola, *cadeira* por mesa, ou usa expressões que Jackson designa como “quase metafóricas” (*quasi-metaphorical*), por exemplo, produzindo *acenda o fogo* (*light the fire up there*) por ligue o gás (*light the gas*).

Para Jackson, todo distúrbio da linguagem pressupõe uma condição negativa – o que o paciente perde na linguagem – e uma condição positiva – o que o paciente mantém da linguagem. A condição de um paciente com distúrbio da fala, que produz *cadeira* no lugar de mesa, é tida como uma condição *dúplex*: negativa – porque o paciente não diz mesa – e positiva – porque produz *cadeira* – mostrando perda, mas também retenção da fala. A parafasia para Jackson é uma condição positiva do afásico pois, embora ele não produza a palavra desejada, produz a melhor possível nas circunstâncias.

6. Kurt Goldstein (1946)

Goldstein estudou medicina com Carl Wernicke que o incentivou a estudar as afasias. Publicou uma série de artigos sobre o tema e, em artigo de 1910, critica o modelo de afasia de Wernicke (baseado na postulação de centros corticais acústico e motor, separados e em conexão) por ser empiricamente insuficiente, por não explicar alguns fenômenos afásicos – entre os quais as parafasias literais – e por ser teoricamente inadequado, uma vez que o conceito de palavra é mais do que uma associação de imagens acústicas e motoras (Bleser, 1994, p. 324).

Goldstein (1946[1946]) discute a relação entre palavra e objeto ao estudar a natureza da nomeação e da anomia¹¹ (“o que torna um pacien-

11. A anomia – item semiológico das afasias – é discutida neste mesmo volume, no Capítulo 2.

te incapaz de nomear um objeto?”). Nomear, para ele, pressupõe tomar uma atitude quanto ao objeto e ao mundo em termos de duas diferentes perspectivas: a atitude concreta, cujo foco está no próprio objeto, sendo a palavra apenas mais uma propriedade do objeto (como os demais atributos de cor, tamanho, forma etc.); e a atitude abstrata (ou categorial ou conceitual), na qual é a palavra que nos permite organizar o mundo de forma conceitual ao deslocar o foco do objeto para a categoria da qual o objeto é mero exemplo. O falante geralmente realiza a atividade de nomeação a partir de uma atitude abstrata. O afásico apresenta dificuldades de nomeação – ou mesmo anomia – por manter uma atitude concreta, com foco naquele objeto particular.

Em seu artigo de 1948, Goldstein discute a natureza dos sintomas afásicos. Propõe a existência de uma relação entre figura (*figure*) e fundo (*background*) na fala, cuja alteração, em decorrência de lesão cerebral, explica alguns sintomas afásicos. Diz Goldstein, a propósito:

Uma palavra [figura] ganha sentido apenas a partir do contexto [fundo] em que ela aparece; o sentido de um pensamento está condicionado por um amplo *background* conceitual – escolaridade, nível sociocultural etc... Figura e fundo estão intimamente interconectados. Nenhum pode ser avaliado sem o outro. Assim, qualquer mudança no sistema nervoso altera a relação normal entre figura e fundo (Goldstein, 1994[1948], p. 334).

Dos sintomas afásicos que podem ser compreendidos do ponto de vista da relação figura e fundo, o exemplo dado por Goldstein é o da parafasia (embora o autor não mencione esse termo): “o paciente responde a determinado estímulo com o fundo em vez de com a *figura* – em vez de sim, produz *não*; em vez de preto, produz *branco*...”.

7. Aleksandr Romanovich Luria (1972)

Zasetsky, soldado russo que aos 23 anos sofreu um traumatismo cranioencefálico por arma de fogo durante uma batalha na Segunda Guer-

ra Mundial, em 1943, narra sua experiência com a afasia em excertos de seu diário no livro *The man with a shattered world*:

Após o jantar, os outros pacientes do hospital estavam indo dormir e eu senti vontade de fazer xixi. Eu precisava do urinol [*bedpan*]. Mas como era complicado lembrar aquela palavra. Eu vi a enfermeira passando novamente e eu queria pedir a ela para me trazer o urinol. Eu tentei falar: “É o... como é que se chama?... Eu preciso do...”, mas enquanto eu tentava lembrar a palavra ela já tinha saído do quarto. Aí ela entrou novamente no quarto, trazendo um urinol para um outro paciente. Eu gritei para ela: “Irmã... eu também... preciso... o que é!”. Por sorte a enfermeira me entendeu e me trouxe o urinol em seguida. Várias palavras passaram pela minha cabeça: médico?... não... eu sabia que não era isso... *irmã?* (eu não conseguia falar a palavra *enfermeira*...)... *pássaro*... *pato*... não... é... *papagaio!*... a palavra que se usa para urinol. (apud Luria, 1987[1972], p. 87-89).

Para o neuropsicólogo russo Luria (1972), ao evocarmos palavras, é preciso fazer escolhas entre uma variedade de alternativas possíveis disponíveis em uma *matriz*.¹² Em alguns casos, a seleção é mais fácil e a chance de evocar outra palavra é praticamente nula. Por exemplo, no enunciado – “o jogador cobrou o pênalti dando um forte chute na...” – a escolha parece simples: entre duas ou três possibilidades, *bola* fatalmente será uma das escolhas.

Mas, geralmente as situações são mais complexas. No enunciado – “eu fui comprar...” – as possibilidades são inúmeras: pão? Jornal? Cigarro? Aspirina? Neste caso, a probabilidade de achar a palavra-alvo é indeterminada. São necessárias mais informações sobre o contexto ou sobre determinada circunstância particular para selecionar a palavra adequada entre uma infinidade de alternativas.

Luria (1973) baseia-se no modelo neurodinâmico de Pavlov para explicar a evocação lexical e as parafasias. Sob circunstâncias normais

12. Luria define palavra como uma *matriz multidimensional complexa* [*a complex multidimensional matrix*] de diferentes traços e conexões (acústicos, morfológicos, lexicais e semânticos). Em diferentes condições, uma dessas conexões é predominante, organizando a matriz (ou rede de conexões possíveis – *network*) em termos de traços fonológicos, morfológicos, lexicais ou semânticos (Luria, 1973, p. 306 e 317).

o córtex está submetido a *leis de força*: estímulos fortes ou importantes produzem respostas fortes e deixam traços sólidos que são evocados mais prontamente; estímulos fracos evocam reações fracas. Em condições corticais normais, portanto, a palavra adequada é selecionada entre palavras disponíveis no campo semântico¹³ (matriz) e é evocada. Todas as palavras relacionadas à palavra-alvo, mas não desejadas, são inibidas.

Em condições patológicas as leis de força são ou equalizadas – estímulos fortes e fracos produzem respostas similares – ou invertidas – estímulos fracos produzem respostas fortes. Luria explica a parafasia verbal – “substituição de palavras necessárias por outras similares quanto ao sentido ou estrutura” – pela inversão das leis de força: traços irrelevantes não são inibidos e o afásico produz palavras fonologicamente ou semanticamente relacionadas à palavra-alvo.

O modelo de Luria prevê que as parafasias envolvem o processo de substituição paradigmática na seleção de palavras semântica ou fonologicamente relacionadas. O distúrbio não ocorre no sistema em si – a matriz estaria preservada –, mas em seu uso e execução durante o processo de seleção.

Luria explica, portanto, a parafasia com padrões – alterados – de processos nervosos de ativação e inibição de unidades linguísticas similares. Esta é a principal crítica que Buckingham¹⁴ (1977) faz ao modelo de Luria argumentando que os processos de inibição-ativação limitam-se ao nível sináptico e não podem ser diretamente aplicados às funções corticais como linguagem e suas alterações. Diz Buckingham (p. 586): “Since paraphasic behaviour is linguistic, explanations of it must satisfy linguistic criteria” [Considerando-se a parafasia como uma

13. O conceito neuropsicológico de *campo semântico* nos trabalhos de Luria difere daquele usado em Linguística: designa a esfera de palavras associadas (por livre associação) em torno de uma palavra isolada e não o domínio de palavras logicamente ou semanticamente interconectadas – como propõe a Linguística. Ver em Lesser (1978, p. 84-88) os estudos de Luria sobre campos semânticos e afasias, com métodos objetivos e experimentais usando condicionamento semântico e respostas fisiológicas.

14. Para uma crítica ao modelo neurodinâmico de Luria ver Buckingham (1977).

questão linguística, as explicações sobre este fenômeno devem satisfazer critérios linguísticos].

8. Roman Jakobson (1954)

Jakobson, linguista russo, publicou em 1941 o livro *Kindersprache, Aphasie und Allgemeine Lautgesetze*. Mas foi com o artigo intitulado “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, publicado em 1954, que o Jakobson lançou conceitos inovadores sobre a afasia e sobre a própria linguagem. Para Jakobson “a afasia é uma perturbação da linguagem” e, portanto, qualquer descrição e classificação das manifestações afásicas pressupõem conhecer quais aspectos linguísticos estão aí alterados (1971[1954], p. 34).

Embora Jakobson enfatize a necessidade de, nos estudos sobre as afasias, tomarem-se dados naturais e espontâneos de afásicos – em lugar de testes que apenas evidenciam operações metalinguísticas –, ele próprio nunca teve um contato empírico com as afasias ou com afásicos, limitando-se à análise de dados fornecidos por neuropsicólogos, sobretudo Goldstein (Jakobson, 1971[1954], p. 42; Hebling, 2006, p. 34).

Jakobson (1971[1954]) propõe uma análise linguística das afasias com base na noção dicotômica de funcionamento da linguagem em dois eixos – seleção e combinação – nos quais se organizam as entidades linguísticas. Falar implica a seleção de entidades linguísticas simultâneas e concorrentes e sua combinação em unidades linguísticas sucessivas e complexas (p. 37). Jakobson descreve o funcionamento dos dois tipos de arranjo das unidades linguísticas com base na concepção de Saussure: a operação de seleção relaciona termos *in absentia*, ou seja, “a seleção (e, correlativamente, a substituição) concerne às entidades associadas no código mas não na mensagem dada”; a operação de combinação relaciona termos *in praesentia*, ou seja, associados no código e na mensagem ou somente na mensagem efetiva (p. 40).

Nas afasias, um dos dois eixos está comprometido – seleção ou combinação – como Jakobson propõe em seu artigo de 1954, ou os dois eixos

podem estar alterados, numa relação de projeção de um eixo sobre o outro, como discutido no artigo de 1960, “Linguística e Poética”, e em artigo de 1963, “Towards a linguistic classification of aphasic impairments”.¹⁵

Para a descrição, análise e classificação das diferentes formas de afasia é preciso necessariamente determinar qual dos dois eixos – ou operações – está alterado. A dicotomia seleção/cominação revela-se para Jakobson muito mais sugestiva do que outras dicotomias clássicas em afasia tais como recepção/emissão ou decodificação/codificação.

O linguista russo propõe, então, dois tipos fundamentais de afasia:

1. afasia caracterizada por deficiência de seleção e substituição, enquanto a combinação e a contextura ficam relativamente estáveis;
2. afasia caracterizada por distúrbio na combinação e contextura, com as operações de seleção e substituição relativamente preservadas.

A parafasia seria o produto ou o efeito de um distúrbio da similaridade, ou seja, uma dificuldade na seleção de palavras a partir de um repertório lexical comum aos interlocutores.¹⁶ Diz Jakobson sobre a *seleção*: “Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação” (1971[1954], p. 40).

O afásico, diante da dificuldade de selecionar nesse arquivo lexical, apoia-se no eixo da contiguidade ou da combinação (que se mantém relativamente estável). As operações que implicam similitude, seleção ou substituição dão lugar às operações baseadas na contiguidade, nas quais o contexto constitui fator determinante. O afásico com distúrbio de sele-

15. Hebling (2006, p. 32) cita Landi (1994) para explicitar a diluição da “tensão-fusão” entre os procedimentos metafórico (seleção) e metonímico (combinação) em *Linguística e Poética*. Neste artigo de 1960, Jakobson propõe uma relação de predominância, e não mais de competição, entre os dois eixos de seleção e de combinação, com a projeção de um eixo sobre o outro.

16. Para Jakobson, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes, código esse referido como um “fichário de representações *pré-fabricadas*”, como “possibilidades preconcebidas” ou, ainda, como um repertório de “possibilidades já previstas e preparadas” (p. 37).

ção vai produzir uma metonímia. “A metonímia se caracteriza como projeções da linha de um contexto habitual sobre a linha de substituição e seleção” (p. 49). Assim, garfo pode ser substituído por *faca* ou cigarro pode ser substituído por *fumaça*. Jakobson retoma de Head um exemplo clássico de parafasia no qual um paciente, diante da dificuldade de evocar a palavra *preto* (relativa à cor de um objeto), produz inicialmente o enunciado “o que se faz para um morto” e, depois, apenas produz a palavra *morto*.

A metonímia produzida como resposta ao distúrbio da similaridade é uma parafasia.

De armazéns, armários e arquivos semânticos: o quiproquó do “léxico mental”

Segundo Lesser (1978: 70) uma das “qualidades mais surpreendentes do cérebro humano é a habilidade de evocar itens específicos de informação de um vasto estoque de memórias semânticas em frações de segundos e de organizá-los numa forma traduzível em sons da fala”.

Ullman (1956, p. 16, apud Lesser, 1978, p. 77) descreveu as relações entre as palavras no léxico da seguinte forma:

Palavras não estão isoladamente disponíveis no vocabulário; a relação entre nome e sentido deve ser suplementada por outras relações conectando cada palavra com seu entorno. Cada palavra tem o seu “campo associativo”: o vocabulário como um todo está interseccionado por associações entre nomes e entre sentidos.

Vários estudos nas áreas de Linguística e de Psicologia nas décadas de 1960 e 1970 usaram modelos de associação de palavras como método de investigação empírica sobre o léxico (Lesser, 1978, p. 77).

Clark (1976, p. 260) afirmou que o “associacionismo”, referido à língua, propõe que “sempre que duas palavras ocorram conjuntamente, ou em proximidade imediata, forma-se, na mente do ouvinte, um víncu-

lo que as associa, sendo tanto mais forte tal ‘associação’ quanto mais frequente for a concorrência”.

Para Clark (1976) as relações entre as associações livres e a palavra-estímulo podem ser descritas por regras que organizariam as palavras em termos de traços semânticos. Uma destas regras, a de *conservação da categoria*, determina a manutenção da classe sintática (substantivos, verbos e adjetivos) da palavra-estímulo nas palavras produzidas por associação. Por exemplo, se a palavra-estímulo for um substantivo, as palavras produzidas por associação livre também serão substantivos.¹⁷ A regra do *contraste mínimo* especifica que apenas um único traço semântico é alterado nas palavras produzidas por associação, mantendo-se um número máximo de traços em comum com a palavra-estímulo. Assim, tomando-se os traços [\pm Animado], [\pm Adulto] e [\pm Macho], *homem* (+ macho) e *mulher* (– macho) são exemplos desta regra, como também os antônimos do tipo *gordo* e *magro*, *alto* e *baixo*, *perto* e *longe*. A regra de *apagamento e adição de traços* produz respostas supraordenadas e subordenadas em relação à palavra-estímulo: para a palavra-estímulo *maçã*, *fruta* seria uma resposta possível pelo apagamento de traços específicos de *maçã*; e, inversamente, dada a palavra-estímulo *fruta*, *maçã* seria uma resposta subordenada produzida pela adição de traços.

Rinnert e Whitaker (1973, apud Lesser, 1978, p. 81) analisaram *confusões semânticas* relatadas por pacientes afásicos em comparação com respostas de associação livre de palavras dos não afásicos e levantaram algumas hipóteses para explicar a natureza da parafasia: os traços que diferenciam o erro semântico da palavra-alvo podem tornar-se ausentes da representação interna dos itens lexicais ou podem ser encobertos pelo que os dois itens têm em comum. Ou, alternativamente, pode ser que a parafasia seja mais fácil de ser produzida ou mais acessível que a pala-

17. Segundo Clark (1976, p. 263), as palavras que pertencem à mesma categoria sintática da palavra-estímulo são tidas como respostas “paradigmáticas”, e as que pertencem a diferentes categorias sintáticas da palavra-estímulo são consideradas respostas “sintagmáticas”. Diante da palavra-estímulo “cachorro”, por exemplo, *gato* é uma resposta paradigmática e *morde* é uma resposta sintagmática. Lesser (1978, p. 70) afirma que a organização semântica do léxico é definida pelas relações de sentido paradigmático entre as palavras.

vra-alvo, ou talvez a escolha entre itens lexicais que compartilham certos traços semânticos seja essencialmente aleatória.

Pilch (1972, apud Lesser, 1978, p. 91) também usou a noção de traços semânticos para descrever e explicar os *erros* afásicos. Para esse autor, em pares de palavras que contêm o que ele chama de *solidariedade semântica*, como, por exemplo, *mordida – dente*, *roubar – banco* ou *azul – céu*, o sentido da segunda palavra está contido como um traço de sentido da primeira palavra. Desta forma os afásicos, quando solicitados a nomear um item lexical, podem substituí-lo pela *palavra solidária* equivalente.

Lesser (1993) afirma que existe evidência de que o sistema semântico é organizado categorialmente. Também para Caramazza e Hillis (1991) a organização de nosso léxico mental é categoria-específica. No entanto, as categorias semânticas nem sempre seriam organizadas sistematicamente em padrões de oposições e diferenças, mas em uma multiplicidade de modos. Há sempre itens periféricos que algumas pessoas incluiriam em determinada categoria e outras excluiriam. Nos estudos sobre afasia apenas algumas categorias semânticas foram investigadas e descritas como seletivamente alteradas pela lesão cerebral:¹⁸ objetos domésticos, animais, flores, cores, letras do alfabeto, números, frutas, alimentos, profissões, ferramentas, vestuário, formas geométricas, partes do corpo (Lesser, 1978; Lesser e Milroy, 1993).

Como já afirmamos anteriormente, as parafasias semânticas têm sido usadas nos estudos sobre a organização do “léxico mental”. De modo geral, a questão da organização léxico-semântica tem sido descrita com

18. Segundo Shelton e Caramazza (1999, p. 12-16) algumas teorias sobre o léxico sustentam que a lesão cerebral poderia resultar no distúrbio seletivo de cada um dos componentes que constituem o sistema lexical. Alguns afásicos apresentariam *deficits* semânticos em determinadas categorias, mas não em outras, o que indicaria que o conhecimento conceitual é organizado categorialmente. Desta forma, distintas áreas cerebrais estariam diferencialmente envolvidas no processamento de categorias semânticas particulares: a área inferior do lobo temporal seria responsável pelo processamento de coisas animadas, por exemplo, enquanto que a porção posterior do lobo temporal e a região frontoparietal seriam importantes no processamento de informações sobre coisas inanimadas; verbos e substantivos também apresentariam distintas topografias corticais, como a área frontal esquerda para os verbos e área temporal esquerda para os substantivos.

base em três perspectivas ou teorias: a Prototípica, a de Traços Semânticos Distintivos e a de Campos Semânticos.

Na teoria Prototípica (Rosch, 1975)¹⁹ as categorias são organizadas em torno de exemplares mais prototípicos – os exemplares mais típicos de uma dada categoria – que são centrais e mais estáveis: itens prototípicos são evocados mais facilmente e de forma mais consistente do que os itens atípicos ou os que são fronteiros entre categorias: na categoria pássaros, por exemplo, *bem-te-vi* e *sabiá* são mais prototípicos, e *galinha* e *morcego* são fronteiros.

A teoria de Traços Semânticos Distintivos tem sido usada na descrição de categorias linguísticas: uma categoria pode ser definida e descrita com referência às condições necessárias e suficientes para pertencer a essa categoria, o que envolve decompô-la em traços básicos ou mais primitivos. Por exemplo, em estudos com sujeitos-controle e afásicos na categorização de animais, controles classificaram os animais por espécie – traços distintivos – enquanto afásicos classificaram os animais em grupos de “mais perigosos” ou “menos perigosos”.

Na teoria de Campos Semânticos, os campos ou redes semânticas são grupos de palavras estabelecidos de acordo com relações de similaridade semântica ou de contiguidade (co-ocorrência) semântica. As relações de similaridade encontradas em situações de substituição podem ser estas: mesma categoria semântica (marido→*filho*), categoria supraordenada (piano→*instrumento musical*), categoria subordinada (cachorro→*labrador*), parte pelo todo (elefante→*tromba*), atributo (banana→*amarelo*), relação espacial (chapéu→*cabeça*), relação funcional-causal (bola→*chutar*), circunlocução (aniversário→*parabéns a você nesta data querida*). Já as relações de co-ocorrência entre as palavras que podem ocorrer em situação de substituição são do tipo gordo→*magro*, cigarro→*fósforo*, rádio→*música*.²⁰

19. Para maior aprofundamento teórico sobre a Teoria Prototípica ver a discussão proposta por Dirk Geeraerts (2006, p. 141-165).

20. Ver em Jakobson (neste mesmo capítulo) sobre as relações de similaridade e contiguidade. Ver em Ahlsén (2006) um panorama das teorias lexic-semânticas no campo da Neurolinguística.

Da palavra-alvo: metodologia e implicações

De modo geral, como vimos, a parafasia é definida como a substituição da palavra-alvo por outra palavra semântica ou fonologicamente relacionada. Caramazza e Hillis (1990, p. 100) definem o “erro semântico” como resposta de uma única palavra que compartilha um ou mais traços com a palavra-alvo (igreja – escola) ou que carrega uma relação associativa com a palavra-alvo (igreja – padre).

Bormann et al. (2008, p. 24) afirmam que os erros afásicos em nomeação têm sido classificados em diversas categorias e em relação a diferentes níveis de processamento em modelos de produção normal da palavra. Os autores descrevem os erros semânticos dos afásicos como a produção de uma palavra que carrega uma relação semântica com a palavra-alvo (tigre – leão).²¹

A classificação das parafasias está diretamente relacionada com a tipologia de erros cometidos pelos afásicos em relação à palavra-alvo geralmente durante tarefas de nomeação por confrontação visual, de repetição, de categorização, de descrição de figura – presentes na maioria das baterias para avaliação das afasias.

Um dos testes mais conhecidos e utilizados em pesquisas com afásicos é o Teste de Nomeação de Boston (Kaplan, Goodglass e Weintraub, 1983), que foi elaborado especificamente para avaliar os distúrbios de nomeação. É composto por sessenta desenhos organizados por “familiaridade”, ou seja, desde itens mais comuns ou frequentes – como *cama*, *árvore* e *lápiz* – a itens menos familiares – como *paleta*, *transferidor* e *ábaco* – que o sujeito deve nomear.²² As instruções para aplicação do

21. Caramazza e Hillis (1990) e Bormann et al. (2008) discutem as hipóteses para explicar a origem dos erros semânticos produzidos por afásicos. De modo geral, a parafasia é tida ou como um distúrbio central – alteração do léxico em si, distúrbio semântico – ou como um distúrbio do acesso lexical à informação semântica. Para Caramazza e Hillis (1990) é possível diferenciar se a parafasia é causada por alteração do sistema semântico ou do sistema fonológico: se o paciente afásico tem a compreensão e a escrita preservadas não se podem atribuir os erros semânticos que ocorrem na nomeação oral ao sistema semântico, mas provavelmente ao sistema fonológico.

22. O efeito da frequência da palavra sobre a evocação lexical: a frequência de determinada palavra na língua é considerada fator importante na determinação da facilidade ou não com que essa

teste determinam que cada uma das figuras seja apresentada na ordem estabelecida e durante vinte segundos. Após seis erros consecutivos, o teste é interrompido.

O Teste de Boston é uma prova baseada no modelo de processamento linguístico proposto pela neuropsicologia cognitiva,²³ que parte de uma entrada visual (*input*) até a produção da fala (*output*): figura ou objeto → sistema de reconhecimento visual do objeto → sistema semântico → léxico fonológico de saída → sistema fonológico de saída → fala (nome da figura ou objeto).²⁴

A resposta incorreta (ou erro semântico) produzida neste tipo de prova – a parafasia – é classificada de acordo com os seguintes critérios²⁵ em relação à palavra-alvo:

Lexical (palavra dicionarizada)

Semântica – palavra semanticamente relacionada à palavra-alvo:

cachorro → *gato*

Formal – palavra com o mesmo fonema inicial ou pelo menos 50% dos fonemas da palavra-alvo: sansão → *salsão*

palavra é evocada. Mas às vezes, a resposta parafásica pode ser uma palavra rara do léxico da língua, de baixa frequência. Assim, nem sempre as palavras menos frequentes são mais difíceis de serem evocadas que as de alta frequência (ver o interessante artigo de Marshall et al., 2001 – “When ottoman is easier than chair” – sobre o efeito inverso da frequência em pacientes com jargonafasia).

23. A neuropsicologia cognitiva trabalha com a noção de modularidade da mente, isto é, a mente é organizada em componentes potencialmente autônomos – módulos – que podem ser seletivamente afetados pela lesão cerebral. A representação mental da linguagem neste modelo implica a existência de módulos estáticos rotulados de “léxico fonológico” ou “sistema semântico” que estariam ligados por mecanismos de processamento e que atuariam distintas regiões cerebrais para o processamento semântico e para o processamento lexical, por exemplo. A entrada visual e a entrada auditiva também estimulariam diferentes áreas do cérebro. Desta forma, no modelo proposto pela neuropsicologia cognitiva, o processamento linguístico é investigado independentemente de outros aspectos da cognição como atenção, percepção e memória (ver em Lesser, 1993, p. 52-80, sobre modelos psicolinguísticos e processamento lexical).

24. Ver em Ahlsén (2006) o modelo *PALPA* de compreensão e produção da palavra (p. 48) e o modelo serial de Levelt de produção da fala (p. 92). Ver em Caramazza e Hillis (1990, p. 95) a representação esquemática do sistema lexical.

25. Critério de Classificação de Erros (baseado em Dell et al., 1977; Hirsch, 1998), apud Moses, Nickels e Sheard, 2004b, p. 454. Ver também a classificação das parafasias proposta por Lesser (1978, p. 187), baseada em critérios linguísticos e em relação à palavra-alvo.

Mista – palavra semanticamente e fonologicamente relacionada à palavra-alvo: motocicleta → *bicicleta*

Não relacionada – palavra não relacionada à palavra-alvo sob nenhum aspecto óbvio: cachorro → *maçã*

Visual – palavra visualmente relacionada à palavra-alvo: laranja → *bola*

Não Lexical (não palavra)

Fonológica – não palavra que contém o fonema inicial ou pelo menos 50% dos fonemas da palavra-alvo: cachorro → *cachérra*

Neológica – não palavra sem qualquer critério para estabelecer uma relação fonológica: contém menos que 50% dos fonemas em relação à palavra-alvo e diferente fonema inicial

Outros erros:

Descrição: faca → para cortar / ônibus → para ir trabalhar

Para Lecours (1983), a identificação de parafasias semânticas na conversação com afásicos é geralmente difícil porque o interlocutor “desconhece” o que o afásico gostaria de dizer, mas na recontagem de histórias conhecidas ou na descrição de figuras, por exemplo, algumas referências já estão dadas previamente, existe um *frame* que facilita o reconhecimento da parafasia. Saber *a priori* o que o sujeito – afásico ou não – vai dizer parece, portanto, condição determinante da metodologia de pesquisa das parafasias. A metodologia pressupõe, portanto, a existência da palavra-alvo.

Kolk e Heeschén (1990, apud Rönfeldt, 1999, p. 10) sustentam que é “inútil analisar a fala espontânea de afásicos porque esta abordagem nada nos traz sobre os distúrbios de linguagem dos afásicos. Na conversação, o afásico pode se adaptar às suas alterações e, para que o sintoma venha à tona, é preciso submeter o afásico a situações às quais ele não possa se adaptar”: isto significa testagem formal com bateria de testes para afasia.

As parafasias produzidas em situação de testes pressupõem um sistema de representações mentais que implica um imenso “armário semântico embutido em nossas mentes” (Marcuschi, 2002) ou um “armazém

de conceitos” onde os sentidos estão depositados (Turner 1996, apud Salomão, 1999, p. 66) ou, ainda, um “dicionário de palavras” com base no qual itens lexicais são gerados de acordo com regras de formação de palavras (como no modelo proposto por Halle em 1973, apud Buckingham, 1981, p. 41). As parafasias, assim como a palavra-alvo, são, portanto, um processo de etiquetagem, um “simples ato de designação extensional de uma expressão no mundo extramental” (Marcuschi, 2002, ao definir o que não é a referenciação).

Na concepção sociocognitiva aqui adotada, o conceito de palavra-alvo não procede, uma vez que a maneira como dizemos aos outros as coisas do mundo decorre muito mais de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa inserção sociocognitiva no mundo do que de procedimentos formais de categorização, referenciação ou seleção lexical. Segundo Marcuschi (2002, p. 56), “apenas no contexto dos usos se pode ver como os nomes funcionam, portanto estudar léxico é em boa medida estudar contexto”.

Das parafasias em contexto: o quiproquó das palavras na perspectiva sociocognitiva

A hipótese sociocognitiva propõe que nenhum enquadramento cognitivo – ou representação linguística – é natural ou dado aprioristicamente, mas sim construído nas e pelas interações sociais, fruto de nossa atuação linguística sobre o mundo com a língua, de nossa inserção sócio-cognitiva no mundo e de componentes culturais e conhecimentos diversos²⁶ (Marcuschi, 2000).

26. Marcuschi (2002) nos brinda com um interessante exemplo de Monteiro (2000), indicando que não existem esquemas categoriais, mas sim, uma atividade sociocognitiva que é a expressão da construção de uma experiência linguisticamente revestida. Em sua tese, a autora pesquisa como se dá o enquadre cognitivo de *hiperônimos*, propondo que os sujeitos agrupem três entidades de algum modo relacionadas (hipônimos) em uma expressão que as represente (hiperônimo). Um sujeito agrupa *cascavel*, *coral* e *jiboia* no hiperônimo *cobras*, mas outro usa o hiperônimo *inseto desgraçado*. Os hipônimos *cerveja*, *vinho* e *licor* são reunidos no hiperônimo *bebidas*. Mas, também no hiperônimo *veneno*. Um sujeito agrupa *genro*, *nora* e *cunhada* como *parentes*, enquanto outro usa o hiperônimo *briga de foice*.

Tomada na perspectiva sociocognitiva, a parafasia só pode ser tratada numa abordagem não referencial da linguagem. Autores como os já citados Ingedore Koch e Antonio Marcuschi, ou Lorenza Mondada – entre outros no campo da Linguística – têm discutido a referenciação como “atividade cognitivo-interativa realizada por sujeitos sociais” (Koch, 2002). Nesse sentido, a referenciação não é um simples ato de designação de “coisas” existentes no mundo real, mas um ato criativo de construção de sentidos produto das interações sociais. Ao falarmos, produzimos versões de mundo (Mondada, 2001 e 2003; Marcuschi, 2002), versões construídas – e provisórias – nas atividades e práticas de linguagem dos interlocutores. A língua não pressupõe a determinação semântica para as palavras, ou seja, o sentido é cognitivamente atribuído às palavras em cada uso nas práticas sociointerativas dos falantes. Para Marcuschi (2002, p. 50), “mais que um retrato, a língua é um trato da realidade”.

Exemplificaremos a abordagem sociocognitiva no entendimento das parafasias com um excerto de um encontro entre um paciente afásico – FA – e sua fonoaudióloga – AT – que conversam, neste recorte, sobre o almoço de FA naquele dia. FA é um senhor afásico (sua afasia é decorrente de acidente vascular cerebral – AVC), de 72 anos de idade, solteiro, e que mora com o irmão e a cunhada. Faz leitura diária de jornais, é bem informado, discute política, economia, esportes. Neste episódio, FA conta que comeu macarrão e uma alcachofra deliciosa feita por sua cunhada. Mas comeu também mais alguma outra coisa que AT não consegue entender inicialmente. O dado é longo para permitir dar visibilidade à construção da significação na interação entre FA e AT.

*Almoço: macarrão, alcachofra e...*²⁷

AT: quer dizer que ela prepara uma senhora alcachofra...

FA: isso... ela e a i na mia... a ca

AT: eu não entendi isso que o senhor falou...

27. Ver, ao final deste capítulo, o Sistema de Notação adotado na transcrição.

FA: olha... [esse

AT: [macarrão [alcachofra

FA: [ca chofa ele e a (4) che (1) che (1) que lá o te que ((ri))

((movimenta as duas mãos sobre a mesa indicando uma forma alongada))

FA: ((repete o gesto anterior e olha para AT))

AT: isso é de sobremesa?

FA: é não não não não ((repete o gesto sobre a mesa))

AT: é comida ainda...

FA: é ó ó ó... assim

----- ((repete o gesto))

AT: macarrão... alcachofra

FA: é a...

AT: como é seu FA? faz outra vez

FA: assim ó ó... u aquele... é... dassaía

AT: lasanha?

FA: aquela... não não... é (3) que que ó [ó ó

AT: [é uma verdura?

FA: ó um ó ó... sabe o que é ? o que?

----- ((faz gestos circulares com o dedo indicador da mão esquerda, escrevendo ou desenhando sobre a mesa))

AT: rocambolé?

FA: não não não... [assim ó ((repete o gesto))

AT: [o senhor está escrevendo [ou está fazendo a coisa como é?

FA:

[ó ó ((puxa o papel para perto de si))

AT: toma ((dá a caneta para FA))

FA: ((escreve *SE* no papel)) isso esse (1) é se

AT: sé (1) se?

FA: não não... é aqui ó se se é se... sa-di-a

*---- ((ergue os braços para cima))

AT: sardinha

FA: SA-DI-A

-----*

AT: é [sardinha?

FA: [SA-DI-NHA... sa - di - nha - salinha

_ *_* *_* ((bate a mão sobre a mesa, marcando a fala))

AT: sardinha ((cumprimenta-o estendendo a mão))

FA: [é ((aperta a mão de AT))

AT: [adoro sar [dinha

FA: [NÃO NÃO

AT: não era sardinha? não/

FA: NÃO sar di nha... num sei...

AT: seu FA... não é aquele peixinho?

FA: não não aquele... ((faz gestos rápidos com a ponta do dedo indicador esquerdo sobre a mesa))

AT: não é peixinho...

FA: u u como é que é? aquele ((repete o gesto)) não sei ((olha para AT))

AT: não é o peixe?

FA: NÃO (1) SAR-DI-NHA (2) SAR- [DI-NHA

AT: [não é sardinha

FA: isso

AT: porque pelo que como o senhor tá falando parece sardinha

FA: não é

AT: não é

FA: né não... é ce

AT: é um legume?

FA: NÃO NÃO... mas meu (1) mas não ententeu? ((ri))

AT: não [sei

FA: [é

AT: olha aqui ((pega caneta e papel)) porque o que parece que o senhor está falando é isso... o peixinho... [sardinha

*-----

FA: [não não

AT: não é sardinha
 -----* ((escreve a palavra sardinha no papel))

FA: não
 AT: ok...não é
FA: não não
 AT: agora me conta uma coisa (1) o senhor comeu macanão comeu alca [chofra
FA: [chofra é
 AT: isso outro que o senhor tá falando ((aponta a palavra *sardinha* escrita no papel))
 não é de sobremesa
FA: não não (1) não não
 ----- ((acena “não” com a cabeça))

AT: tá (2) ã: é... na salada?
FA: ts... ((mostra o papel no qual estão escritas as palavras *se* e *sardinha*)) ((leva a [mão à testa, impaciente))
 AT: [se... sa...
FA: são como a aqui aqui ó ((leva as duas mãos sobre a mesa, à esquerda))
 AT: mas sabe o que [acontece... ((ri))
FA: [qua quase quase a assim... assim... assim
 ----- ((faz um círculo com o polegar e o indicador esquerdos e sobre e desce a mão duas vezes))

AT: umas bolinhas?
FA: assim... assim... oi... [você não
 AT: [salsicha... [não... linguiça?
FA: [É É [É::: ((ergue os braços))
 AT: ((ri))
FA: É:...É: ((leva as mãos à cabeça, rindo))
 AT: A: BOM
FA: eu já falei ((mostra o escrito no papel))
 AT: o senhor falou... mas o senhor falou... não era sardinha... é sadia?
FA: É É SADIA... falei... aí ((apontando AT com o braço esticado))
 AT: ((ri)) ai seu FA... tá bom ((ri))

- FA:** eu sei eu [falei... SA
-----((olha o papel e aponta a palavra sardinha escrita))
- AT:** [o senhor fez o ésse... [da propaganda
- FA:** [é
- AT:** era isso que o senhor tava fazendo [aqui? ((repete o gesto de FA sobre o mesmo lugar da mesa))
- FA:** [é isso ((repete o gesto, escrevendo S sobre a mesa))
- AT:** tá bom (2) captei a mensagem seu FA ((rindo))

O episódio acima transcrito mostra um processo de construção de sentidos que agrega aspectos socioculturais, linguísticos e multimodais no curso de uma interação que é, também, prática social. É possível observar que só o conhecimento lexical – *sadia* – é insuficiente para o processo inferencial realizado por AT e FA: como postula Koch (2002, p. 37), “é preciso levar em conta também um conhecimento enciclopédico”, um conhecimento de mundo, conhecimentos prévios e compartilhados, a memória discursiva.

FA comeu macarrão, alcachofra e *linguiça*. A interlocução é marcada por “acréscimos sucessivos e intermitentes de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente” (Koch, 2002, p. 32), em uma espécie de progressão que vai refinando e precisando a referência. Várias proposições de FA e de AT são ora negadas, ora reformuladas, ora corrigidas, indicando que o processo de referência prevê ajustes, deslizos, conflitos e negociações na busca de uma representação linguístico-cognitiva socialmente compartilhada do mundo.

FA inicialmente recorre a semioses não verbais – fundamentais para produzir significação – produzindo gestos alongados e circulares com a ponta do dedo indicador sobre a mesa, correspondendo provavelmente ao formato da *linguiça*. Diferentes texturas de relevância são evocadas e emergem da e na interação. Diante do enunciado de FA *dassaía* – posteriormente compreendemos que FA produzira *da sadia*, em uma primeira referência à marca da *linguiça Sadia* – AT dá relevância ao aspecto fonológico de *dassaía* e entende *lasanha*. AT em seguida evoca *verdura*,

pois parece plausível, do ponto de vista pragmático-cultural, que um almoço com macarrão e alcachofra tenha também algum tipo de verdura. Diante das possibilidades elencadas por AT – lasanha e verdura – FA produz outros gestos – circulares e contínuos – aos quais AT atribui o sentido de *rocambole*. AT fica na dúvida se FA está desenhando ou escrevendo. Nesse momento, FA recorre à escrita e produz SE. AT lê: sé... se e então FA produz oralmente novamente *sadia*, mas de forma escandida como se para assegurar a articulação: *sa-di-a*. Novamente a relevância fonológica e AT entende *sardinha*. FA repete *sadia* ainda escandindo a articulação e com aumento de volume de voz: *SA-DI-A*. AT repete *sardinha* com curva melódica ascendente: ela quer uma confirmação de que FA comeu sardinha no almoço. FD produz então três enunciados de modos diferentes, reiterando sua produção anterior: *SA-DI-NHA* (de forma escandida e com aumento do volume de voz)... *sa...di...nha* (marcando cada emissão com uma batida da mão sobre a mesa)... *salinha*. AT interpreta que foi sardinha que FA comeu e cumprimenta-o estendendo a mão para ele pois, afinal, após vários ajustes enunciativos, tinham conseguido um acordo. Mas, apesar de responder ao cumprimento de AT, FA recusa enfaticamente o enunciado sardinha quando AT diz: *adoro sardinha*. A partir daí o conflito se estabelece novamente. AT quer ter certeza de que não é sardinha o enunciado pretendido: não é o peixe? Não é o peixinho?. AT insiste, apesar da negação de FA, e escreve a palavra *sardinha* como se a escrita permitisse dispor, fixar e organizar o sentido da palavra sardinha. Novas negações de FA, novas proposições de AT – “**Não é de sobremesa. É na salada?**” – seguidas da recusa de FA. FA produz *não*, acena negativamente com a cabeça, leva a mão à testa e retoma o gesto inicial sobre a mesa, mas desta vez unindo os dedos polegar e indicador esquerdos em um círculo. O gesto remete AT a *bolinhas...*, à *salsicha...*, e, finalmente, à *linguiça*.

“Sadia” era a marca da linguiça que, em uma propaganda na televisão, quando colocada numa frigideira tomava a forma da letra S: “**S**” de *Sadia*. Era o mesmo gesto presente na propaganda que FA realizava sobre a mesa: a linguiça tomando a forma da letra S. A produção da significação emergiu de um processo de co-construção e de negociação entre FA e AT

que revela também a co-ocorrência de semioses verbais e não verbais na interação: gestos, prosódia, oralidade e escrita, posturas corporais. A produção linguística *sadia* em nenhum momento foi tomada em sua significação “literal” de saudável, daquilo que tem o atributo da saúde. Talvez, em algum teste, diante da figura de uma linguíça, a evocação do item lexical *sadia* pelo senhor FA fosse tomada apenas como uma parafasia lexical não relacionada, ou seja, a palavra *sadia* – em seu sentido literal – não está relacionada à palavra-alvo *linguíça* sob nenhum aspecto óbvio.

Para concluir

Sadia não é nem saudável, nem sardinha. Sadia é linguíça. Turner (1996, apud Salomão 1999, p. 66) postula que os sentidos, embora pareçam localizados e estáveis, não estão depositados em um armazém de conceitos, como rótulos ou pacotes. O sentido de *sadia* é, portanto, construído e atribuído por FA e AT durante atividade cognitivo-interativa em que os dois interlocutores operam escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece (Koch, 2002).

Como já dito, “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (Mondada e Dubois, 2003, p. 17). Na concepção sociocognitiva, nem as categorias nem os objetos de discurso que nos permitem compreender o mundo são preexistentes ou dados *a priori*, mas são elaborados e construídos no curso das atividades languageiras dos sujeitos, transformando-se a partir dos contextos (Mondada e Dubois, 2003, p. 17). As autoras preconizam que “as categorias e objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas²⁸ nas práticas, nas atividades verbais e não verbais, nas negociações dentro da interação”. Para Marcuschi (2002, p. 56), a tese

28. Koch (2002, p. 33) propõe dois tipos de processos de construção de referentes: (1) ativação ancorada – um novo objeto de discurso é introduzido em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo passível de ser estabelecida por asso-

central do processo referencial como atividade criativa é a de que “para a categorização e mesmo para a referenciação o que conta é a perspectiva dos indivíduos e não o conhecimento lexical específico”. Para Mondada e Dubois (2003, p. 28), “as categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos”.

Marcuschi (2002, p. 60) defende a seguinte tese geral a respeito da produção da significação:

Não são os fatos que produzem as significações presentes em nossas compreensões e sim as nossas compreensões que fundam e constroem as significações que atribuímos aos fatos. Na realidade, isso significa que não há um a priori nem um centro regulador da significação, mas ela é produto de interações sociais no interior da cultura e da história.

Vimos que as ciências cognitivas de modo geral reafirmam, com seus pressupostos e métodos, o “poder referencial da linguagem”, “legitimado” pela correspondência direta entre as palavras e as coisas (Mondada e Dubois, 2003, p. 19). Os modelos neuropsicológicos pressupõem uma espécie de etiquetagem das palavras sobre os objetos do mundo e um mundo “pronto”, “determinado”, “estável” no qual os objetos existem independentemente de qualquer sujeito que se refira a esse mundo. Segundo as autoras, nos modelos das ciências cognitivas “as representações linguísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo” (2003, p. 19): a palavra-alvo é a resposta correta, a etiqueta adequada, a cartografia perfeita para um modelo que prevê que tanto os objetos naturais quanto seus sentidos, usos e categorias são estáveis e dados *a priori*. A parafasia é erro, insucesso, fracasso imputável a um sistema linguístico-cognitivo imperfeito, patológico.

Partindo do pressuposto de que toda atividade discursiva é constituída por uma instabilidade ou indeterminação que se manifesta em todos

ciação e/ou inferenciação; (2) ativação não ancorada – um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto.

os níveis da organização linguística – como vimos na busca lexical e nos processos de referenciação e inferenciação empreendidos ao longo da interação entre FA e AT –, é essa “instabilidade que caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo” (Mondada e Dubois, 2003, p. 28).

Uma abordagem não estruturalista das parafasias como a proposta neste capítulo considera, portanto, como Marcuschi (2002 p. 51), que “a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sociointerativo permite a produção de sentidos”, sobre o que o autor afirma:

Ao postularmos que uma língua não providencia uma semântica para o léxico, não estamos dizendo que as palavras são vazias de sentido, mas que o sentido por nós efetivamente atribuído às palavras em cada uso é providenciado pela atividade cognitiva situada. Assim, a língua é um sistema de indeterminações sintático-semânticas que se resolvem nas atividades dos interlocutores em situações sociocomunicativas (Marcuschi, 2002, p. 51).

Para Marcuschi (2002, p. 60), “sentidos são bens humanos e não fenômenos naturais”. Para Turner (1996, p. 57, apud Salomão, 1999, p. 66), “o sentido é vivo e ativo, dinâmico e distribuído, construído para propósitos locais de conhecimento e de ação. Os significados não são objetos mentais, circunscritos em regiões conceituais, mas complexas operações de projeção, ligação, conexão, mesclagem e integração de múltiplos espaços conceituais”. A parafasia, fenômeno instigante, é um desafio para a significação.

Referências bibliográficas

AHLSÉN, E. *Introduction to Neurolinguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

BLESER, R. de. Kurt Goldstein In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 319-328.

BORMANN, T.; KULKE, F.; WALLECH, C.; BLANKEN, G. Omissions and semantic errors in aphasic naming: is there a link? *Brain and Language*, v. 104, p. 24-32, 2008.

BROCA, P. Remarques sur le siège de la faculté du langage articulé, suivies d'une observation d'aphémie (perte de la parole). (Orig. 1861, 2^a série, t. VI, p. 330-357). In: HÉCAEN, H; DUBOIS, J. *La naissance de la neuropsychologie du langage*. Paris: Flammarion, 1969.

BROW, J. W. (Ed.) *Jargonaphasia*. New York: Academic Press, 1981.

BUCKINGHAM, H. W. A critique of A. R. Luria's neurodynamic explanation of paraphasia. *Brain and Language*, v. 4, p. 580-587, 1977.

_____. Where do neologisms come from? In: BROW, J. W. *Jargonaphasia*. New York: Academic Press, 1981, p. 39-62.

CARAMAZZA, A.; HILLIS, A. Where do semantic errors come from? *Cortex*, v. 26, n. 1, p. 95-122, 1990.

_____. Lexical organization of nouns and verbs in the brain. *Nature*, v. 349, p. 788-790, 1991.

CLARK, H. H. Associações de palavras e teoria linguística. In: LYONS, J. (Org.). *Novos Horizontes em Linguística* [1970]. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976, p. 260-276.

CUETOS-VEJA, F. Why do the aphasic patients produce semantic errors? *Rev. Neurol.*, v. 32, n. 10, p. 970-974, 2001.

_____; AGUADO, G.; CARAMAZZA, A. Dissociation of semantic and phonological errors in naming. *Brain and Language*, v. 75, p. 451-460, 2000.

DELBRÜCK, B. Amnestische Aphasie. In Sitzungsberichter der Jenaischen Gesellschaft für Medizin und Naturwissenschaft für das Jahr. Suplemento de *Zeitschrift für Naturwissenschaft*, v.20, 1886 (Jena: G. Fischer, 1887). p. 91-98.

DELL, G. S. et al. Lexical access in aphasic and nonaphasic speakers. *Psychological Review*, v. 104, n. 4, p. 801-838, 1997.

ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

FREUD, S. *A Interpretação das Afasias*. [1891] Lisboa: Edições 70, 1977.

GEERAERTS, D. Prototype theory: prospects and problems of prototype theory. In: _____(Ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 141-165.

GOLDSTEIN, Kurt. On naming and pseudonaming [1946] In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of Aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994a. p. 336-343.

_____. The problems of the origin of symptoms in brain damage [1948] In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994b. p. 334-335.

GOODGLASS, H.; KAPLAN, E. [1973]. *Evaluacion de la afasia y de transtornos similares*. Panamericana: Buenos Aires, 1974.

GORDON, J. K. Interpreting speech errors in aphasia. *Brain and Language*, v. 103, p. 122-123, 2007.

HEBLING, C. *Um estudo da relação entre afasia e metalinguagem em Jakobson*. Relatório final de pesquisa em Iniciação Científica. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

HÉCAEN, H.; DUBOIS, J. *La naissance de la neuropsychologie du langage*. Paris: Flammarion, 1969.

JACKSON, J. H. On affections of speech from disease of the brain (*Brain*, v. 1, p. 304-330, 1879). In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 145-167.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. [1955]. In: LEMLE, M.; LEITE, Y. (Orgs.). *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 43-54.

_____. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia [1954] In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 34-62.

KAPLAN, E.; GOODGLASS, H.; WEINTRAUB. *Boston naming test*. Philadelphia: Lea & Febiger, 1983.

KEYSER, Antoine. Carl Wernicke. In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 59-68.

KOCH, I. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas*, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2002.

KOLK, H.; HEESCHEN, Claus. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's Aphasia. *Aphasiology*, v. 4, p. 221-231, 1990.

LECOURS, A.R. *Aphasiology*. London: BeillièreTindall, 1983.

LESSER, R. *Linguistic investigations of aphasia*. London: Edward Arnold, 1978.

_____; MILROY, L. *Linguistics and aphasia: psycholinguistic and pragmatic aspects of intervention*. London/New York: Longman, 1993.

LORDAT, J. Analyse de la parole pour servir à la théorie de divers cas d'Alalie et de Paralalie. (*Journal de la Société de Médecine Pratique de Montpellier*, 1843, t. VII, p. 333-353, 417-433; t. VIII, p. 1-17. In HÉCAEN, H. e DUBOIS, J. *La naissance de la neuropsychologie du langage*. Paris: Flammarion, 1969. 129-170.

LURIA, A. R. *The man with a shattered world* [1972]. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1987.

_____. *The working brain: an introduction to neuropsychology*. New York: Basic Books, 1973.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *Veredas*, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.

MARSHALL, J.; PRING, T.; CHIAT, S.; ROBSON, J. When ottoman is easier than chair: an inverse frequency effect in jargon aphasia. *Cortex*, v. 37, n. 1, p. 33-53, 2001.

MICELI, G. CAPASSO, R.; CARAMAZZA, A. The relationships between morphological and phonological errors in aphasic speech: data from a word repetition task. *Neuropsychologia*, v. 42, p. 273-287, 2004.

MONDADA, L. Gestion du topic et organisation de la conversation. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. (Orgs.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: Unicamp, v. 41, p. 7-36, 2001.

_____. DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRI-

GUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 243-263.

MOSES, M. S.; NICKELS, L. A.; SHEARD, C. I'm sitting here feeling aphasic – a study of recurrent perseverative errors elicited in unimpaired speakers. *Brain and Language*, v. 89, p. 157-173, 2004a.

_____. Disentangling the web: neologistic perseverative errors in jargon aphasia. *Neurocase*, v. 10, n. 6, p. 452-461, 2004b.

PILCH, H. A linguistic view of aphasia. *Language Sciences*, v. 20, p. 6-12, 1972.

RINNERT, C. WHITAKER, H. A. Semantic confusions by aphasic patients. *Cortex*, v. 9, p. 56-81, 1973.

RÖNFELDT, B. Paragrammatism reconsidered. *InLiSt*, Interaction and Linguistic Structures, Freiburg i. Br., n. 10, dez. 1999. Disponível em: <inlist.uni-konstanz.de>. Acesso em 16 set. 2008.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychological (General)*, v. 104, p. 192-233, 1975.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v. 3 n. 1, p. 61-79, 1999.

SCHULTE, B. P. M. John Hughlings Jackson. In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of Aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 133-143.

SHAPIRO, K.; CARAMAZZA, A. Sometimes a noun is just a noun: comments on Bird, Howard, and Franklin (2000). *Brain and Language*, v. 76, n. 2, p. 202-212, 2001.

SHELTON, J. R.; CARAMAZZA, A. Deficits in lexical and semantic processing: implications for models of normal language. *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 6, n. 1, p. 5-27, 1999.

TURNER, M. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

ULLMANN, S. The concept of meaning in linguistics. *Archivum Linguisticum*, v. 8, p. 12-20, 1956.

VILELA, Izabel. In Principio Erat Verbum ou La Linguistique aux origines de la Psychanalyse: q'en est-il de Saussure? *Langage & Inconscient Revue Internationale. Linguistique et Psychanalyse*, n. 1, p. 118-142, 2006.

WERNICKE, Carl. Some new studies on aphasia. [1885]. In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

_____. The Aphasia symptom-complex: a psychological study on an anatomical basis. [1874]. In: ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

_____. Über Aphasie. *Beinefte Zur Medizinische Klinik*, v. 1, p. 13-15, 1910.

Sistema de notação	
Truncamento ou interrupção brusca	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante	:
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Pausas prolongadas (em segundos)	(4)
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))
Superposição	[apontando o local da superposição]
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição dos gestos	*início e fim do gesto*